

GRAMATICALIZAÇÃO, VARIAÇÃO, MULTIFUNCIONALIDADE E TUDO: CIRCUNSCRIÇÃO DA VARIÁVEL DISCURSIVO-PRAGMÁTICA E TAL

GRAMMATICALIZATION, VARIATION, MULTIFUNCTIONALITY AND
EVERYTHING: CIRCUMSCRIPTION OF THE DISCURSIVE-PRAGMATIC
VARIABLE AND SUCH

Maria Alice Tavares | [Lattes](#) | aliceflp@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Clarissa Viana Duarte | [Lattes](#) | anacviana.duarte@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: À luz de uma interface variação-gramaticalização, os objetivos deste estudo são: (i) descrever e exemplificar duas das estratégias que podem ser adotadas para a delimitação de uma variável linguística – a perspectiva da variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização; (ii) aplicar a perspectiva de percurso de gramaticalização à delimitação de uma variável discursivo-pragmática, a extensão geral. Essa variável pode ser considerada um macrodomínio funcional que agrega formas cujas funções são provenientes de um processo de gramaticalização que se desenvolveu entre dois microdomínios. Os extensores gerais tomados como variantes são E TAL e E TUDO. Os dados foram extraídos do Banco de Dados FALA-Natal. Mostramos que variáveis discursivo-pragmáticas podem ser circunscritas em consonância com a perspectiva de percurso de gramaticalização, mais especificamente aquela que leva em conta a distinção entre macro e microdomínios funcionais. A aplicação dessa estratégia para dar conta da multifuncionalidade de formas discursivo-pragmáticas permite um tratamento uniforme à variação em todos os níveis da língua.

Palavras-chave: Variável. Variação. Gramaticalização. Multifuncionalidade. Extensão geral.

Abstract: Based in a variation-grammaticalization interface perspective, the goals of this study are: (i) to describe and exemplify two of the strategies that can be employed to delimit a linguistic variable – the strict variation perspective and the trajectory of grammaticalization perspective; (ii) to apply the trajectory of grammaticalization perspective to

the delimitation of a discursive-pragmatic variable, the general extension. This variable can be understood as a functional macro-domain that brings together forms whose functions arose from a grammaticalization process which has evolved between two micro-domains. The general extensors taken as variants are E TAL (AND THAT) and E TUDO (AND EVERYTHING). The data were extracted from FALA-Natal Database. We show that discursive-pragmatic variables can be circumscribed according to the trajectory of grammaticalization perspective, particularly the one which takes into account the distinction between functional macro and micro-domains. This strategy can be applied to discursive-pragmatic forms to deal with their multifunctionality, ensuring a uniform treatment to variation at all language levels.

Keywords: Variable. Variation. Grammaticalization. Multifunctionality. General extension.

Introdução

Assumindo uma interface variação-gramaticalização como guia teórico-metodológico, abordamos a questão da circunscrição das variáveis linguísticas, etapa fundamental da pesquisa variacionista. Nosso foco recai sobre variáveis que agregam formas variantes multifuncionais. Destacamos particularmente formas que passaram por percursos de gramaticalização constituídos pelos mesmos estágios de expansão funcional.

Temos como objetivos: (i) descrever e exemplificar duas das estratégias que podem ser adotadas para a delimitação de uma variável linguística – a perspectiva de variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização – com foco em como cada uma dessas estratégias lida com variantes que são multifuncionais; (ii) mostrar que a estratégia de percurso de gramaticalização pode ser aplicada à delimitação de uma variável linguística do nível pragmático-discursivo da língua, a extensão geral.

Selecionamos como variantes os extensores gerais E TAL e E TUDO, cujo uso é ilustrado pelas ocorrências a seguir, extraídas do Banco de Dados FALA-Natal, fonte dos dados de que nos valemos.¹

- (1) Aí hoje em dia já não é mais o mesmo homem, né? De responsabilidade porque ele separou da mulher, caiu em depressão *e tal*, e até hoje tá um pouco deprimido, um pouco não, bastante deprimido e aí não tá mais trabalhando

¹ O Banco de Dados FALA-Natal (BDFN) foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRN. CAAE: 11652312.2.0000.5537.

com nada, tá tomando até medicação controlada, tá sem condições de trabalhar, mas é um bom profissional. (BDFN)

- (2) Aí quando entrei, fui entrando, entrando, aí me chamaram, quando me chamaram que eu procurei os pés não encontrei nada, e era sufocada, agoniada, eu só me lembro quando me tiraram de dentro d'água, mas foi um sufoco. Mas depois disso... aí eu não sabia nadar, depois disso foi que eu não quis mesmo. Tomo muito banho de piscina, vou pro mar *e tudo*, mas a água até um certo limite, não passa do limite. (BDFN)

Justificamos a importância deste trabalho por sua proposta inovadora para a análise da extensão geral como variável discursivo-pragmática no português brasileiro.² Esperamos estimular estudos futuros sobre o fenômeno em apreço tanto na ótica da sociolinguística variacionista quanto na ótica da gramaticalização, ou pela junção de preceitos de ambas, em interface variação-gramaticalização. A ampliação de pesquisas sobre a extensão geral levará à composição de um retrato mais completo sobre seu comportamento variável sincrônico e diacrônico, as trajetórias de mudança de suas formas de codificação e tal. Além disso, estudos comparativos se tornarão possíveis, tanto entre regiões brasileiras quanto entre diferentes línguas.

Na próxima seção, recebem lugar formas que adquiriram funções discursivo-pragmáticas através da gramaticalização e, assim, podem ser analisadas em uma interface variação-gramaticalização. As seções seguintes são reservadas para a apresentação de duas estratégias a que se pode recorrer para o recorte da variável linguística, a perspectiva da variação estrita e a perspectiva de percurso de gramaticalização. Na sequência, propomos que uma variável de nível discursivo-pragmático, a extensão geral, pode ser circunscrita, em uma perspectiva de percurso de gramaticalização, com base na distinção entre macro e microdomínios funcionais. Por fim, constam as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Formas discursivo-pragmáticas: gramaticalização e variação

As formas do nível discursivo-pragmático da língua desempenham funções gramaticais de natureza textual, interacional e atitudinal (cf. ANDERSEN, 2016; PICHLER, 2016; WATERS, 2016). Elas “articulam enunciados, regulam as relações entre parceiros

² Duarte (2019) realizou o primeiro estudo de que temos notícia sobre a variação na indicação da extensão geral no português brasileiro.

na conversação, refletem e facilitam o processo de formulação ou expressam atitudes do falante” (MIHATSCH, 2009, p. 67).

Os rótulos atribuídos a tais formas são variados: o mais comum é o de marcadores discursivos, mas encontramos também marcadores conversacionais, marcadores pragmáticos, expressões pragmáticas, partículas discursivas, conectivos discursivos, conectivos pragmáticos, operadores discursivos, preenchedores, interjeições, entre outros (cf. BRINTON, 1996; KUTEVA et al., 2019). Alguns termos têm alcance mais amplo no que diz respeito às funções abarcadas, como o de marcadores discursivos, outros têm alcance mais restrito, como o de conectores discursivos, que se limitam aos itens empregados na articulação de enunciados.

Formas discursivo-pragmáticas podem ser consideradas gramaticais se adotarmos uma perspectiva ampliada de gramática. A proposta de extensão do conceito de gramática para abrigar funções textuais, interacionais e atitudinais defendida por pesquisadores como Brinton (2006), Degand e Evers-Vermeul (2015), Diewald (2006), Pichler (2013, 2016) e Simon-Vandenberg e Willems (2011) fundamentou-se em descobertas feitas por estudos que, analisando “a distribuição sintática, propriedades linguísticas e a multifuncionalidade dos traços discursivo-pragmáticos, demonstraram que eles indubitavelmente constituem elementos integrais e indispensáveis do sistema linguístico nuclear” (PICHLER, 2013, p. 7). São formas que, embora possam não ser obrigatórias no que se refere à estrutura de constituintes, são “obrigatórias em termos de sua contribuição pragmática e interacional ao discurso” (PICHLER, 2013, p. 8).

Uma característica comum às formas sob enfoque é a sua utilização na codificação de mais de uma função discursivo-pragmática, não raro simultaneamente, situação em que as funções podem ser de natureza diversa, isto é, uma função textual pode estar sobreposta a uma interacional, por exemplo. Essa multifuncionalidade resulta da gramaticalização, um processo de mudança cognitivo-comunicativo através do qual, ao longo do tempo, “itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. xv). A gramaticalização caracteriza-se por um conjunto de mudanças correlacionadas, incluindo alterações pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e, às vezes, fonológicas.

Heine e Kuteva (2007) destacam os seguintes parâmetros que representam os tipos de alterações sofridos pelas formas em gramaticalização: (i) extensão, pela qual a forma é ampliada a novos contextos, adquirindo, assim, novos significados gramaticais (reinter-

pretação induzida pelo contexto); (ii) dessemantização, pela qual a forma sofre perda de traços do significado original que sejam incompatíveis com os novos significados; (iii) decategorização, pela qual a forma tem alteradas propriedades morfossintáticas típicas de seu uso lexical ou de seu uso em uma função gramatical prévia; (iv) erosão (redução fonética), pela qual a forma tem diminuída a sua substância fonética. Formas que adquirem funções discursivo-pragmáticas podem sofrer esses quatro tipos de alteração, o que é mais um argumento para que sejam consideradas gramaticais.³

Devido à gramaticalização, é possível que diferentes formas venham a desempenhar uma mesma função discursivo-pragmática em um determinado período de tempo, podendo ser tomadas como variantes de realização dessa função em uma pesquisa conduzida sob a égide da sociolinguística variacionista.

A sociolinguística variacionista volta-se ao fenômeno da variação linguística, analisando as escolhas feitas consciente ou inconscientemente pelos usuários da língua, sob influência de fatores diversos, entre duas ou mais formas – denominadas variantes – que codificam um mesmo significado ou função. Um conjunto de formas variantes integra uma variável linguística, conceito que corresponde ao significado ou à função codificados por essas formas. A definição das variáveis linguísticas e a identificação de suas formas variantes são os primeiros passos da pesquisa variacionista.

Assim como a variação nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical, a variação discursivo-pragmática manifesta heterogeneidade ordenada, correlaciona-se a fatores sociais, estilísticos, demográficos e linguísticos e está sujeita aos princípios de mudança postulados por Labov (1990, 2001). Variantes discursivo-pragmáticas podem exibir “um pico de uso na fala adolescente em casos de mudança em progresso em tempo aparente, em linha com o modelo laboviano de incrementação logística” (PICHLER, 2013, p. 11; cf. também Tagliamonte; D’Arcy, 2009),⁴ e desvelam identidades sociais e regionais.⁵

Na próxima seção, focalizamos uma das estratégias de que podemos lançar mão

³ Não temos conhecimento de trabalhos que analisem os extensores gerais do português brasileiro no que tange à extensão, à dessemantização, à decategorização e à erosão. Quanto aos extensores gerais do inglês, Cheshire (2007), Tagliamonte e Denis (2010), Pichler e Levey (2011), entre outros, levaram em conta tais processos.

⁴ A análise em tempo aparente é um dos instrumentos utilizados na sociolinguística variacionista para a verificação da ocorrência da mudança linguística. Trata-se da distribuição das formas variantes segundo os grupos etários em que se enquadram os indivíduos que forneceram os dados. Se uma mudança estiver em progresso, possivelmente serão encontradas diferenças na distribuição das variantes entre falantes mais jovens e mais velhos, com aqueles fazendo maior uso das formas mais recentes.

⁵ A extensão da variação para além da fonologia desperta polêmica desde a década de 1970, partindo das discussões em Sankoff (1973), Labov (1978) e Lavandera (1978). No que diz respeito à variação discursiva, a primeira discussão sobre a possibilidade de sua abordagem em ótica variacionista foi feita por Dines (1980), que tratou dos extensores gerais.

para o recorte de variáveis linguísticas cujas formas de codificação são oriundas da gramaticalização.

2. Interface variação-gramaticalização: perspectiva da variação estrita

A variação resultante de processos de gramaticalização pode ser examinada sob o prisma de uma interface variação-gramaticalização, que incorpora a “pesquisa sociolinguística sincrônica em uma abordagem variacionista à pesquisa da gramaticalização” (TAGLIAMONTE, 2000, p. 329). Essa interface, com vislumbres iniciais na década de 1970 (cf. SANKOFF, 1977, 1979) e implementação na década de 1990 liderada especialmente por Shanna Poplack e Sali Tagliamonte (POPLACK; TAGLIAMONTE, 1996, 2000, entre outros),

envolve contribuições mútuas: o tratamento da variação linguística pode ser aprimorado com subsídios vindos de estudos sobre a gramaticalização, assim como a análise do processo de gramaticalização pode ser enriquecida com informações provenientes de análises variacionistas. (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 35)

A variável linguística alvo da investigação pode ser circunscrita em consonância com a perspectiva mais adotada em estudos variacionistas, a de variação estrita (cf. TAGLIAMONTE; SMITH, 2006), em que a variável corresponde a uma única função gramatical, e as variantes são as formas que expressam essa função. Se as variantes forem multifuncionais, suas outras funções são excluídas da análise. Entre os condicionadores da variação, são controlados fatores aptos a mensurar, em uma fatia temporal sincrônica, o grau de avanço da gramaticalização de cada uma das variantes na indicação da função/variável linguística averiguada. Formas mais avançadas são as que mostram menor preservação de propriedades dos usos-fonte do processo de mudança.

A título de ilustração, aludimos a um dos trabalhos pioneiros realizados na interface variação-gramaticalização. Poplack e Tagliamonte (2000) definiram como variável a referência temporal futura – um recorte em perspectiva estrita, portanto – e como variantes os verbos auxiliares marcadores de futuro do inglês *going to* e *will*. Entre os fatores condicionadores, as autoras selecionaram “elementos historicamente implicados na mudança” de *going to* de verbo lexical indicando movimento físico a verbo auxiliar indicando tempo futuro (POPLACK; TAGLIAMONTE, 2000, p. 315). São eles: o ponto de referência em relação ao momento da fala, o tipo de oração, a animacidade do sujeito, a pessoa gramatical, o conteúdo lexical do verbo principal e a proximidade no futuro.

Os dados foram extraídos de cinco corpora de língua inglesa. Três desses corpora congregam entrevistas feitas com falantes de três enclaves (Guysborough e North Preston, na Nova Escócia, e Samaná, na República Dominicana), que foram formados ao longo da diáspora que aconteceu entre o final do século XVIII e o início do século XIX, em que grupos de negros deixaram os Estados Unidos rumo a diferentes localidades. Pesquisas anteriormente levadas a cabo pelas autoras apontaram que as variedades faladas em tais enclaves conservavam traços de estágios mais antigos do desenvolvimento do inglês afro-americano, possivelmente devido ao isolamento linguístico dos enclaves em relação a variedades faladas em localidades vizinhas.

Os outros dois corpora são compostos por entrevistas com falantes de: (i) uma vila rural cuja população é formada principalmente por indivíduos brancos de origem britânica, Guysborouh Village (adjacente ao enclave Guysborouh), que, embora esteja distante geograficamente de áreas urbanas, não está isolada de áreas vizinhas; (ii) a capital nacional do Canadá, Ottawa, um grande centro urbano. Segundo Poplack e Tagliamonte (2000), os falantes da capital são os que têm maior contato com os desenvolvimentos históricos do inglês considerado culto, os falantes dos enclaves tiveram contato mínimo e os falantes da vila rural tiveram contato intermediário. A hipótese era de que quanto menos contato houvesse com a língua culta, maior a conservação de traços característicos dos primórdios da gramaticalização de *going to*.

Para mostrar como Poplack e Tagliamonte (2000) efetuaram a análise, elegemos o fator conteúdo lexical do verbo principal. A fonte lexical do uso de *going to* como verbo auxiliar indicador de futuro é seu uso como verbo de movimento em direção a um objetivo. Na etapa inicial da mudança, *going to* não aparecia em perífrases com verbos principais de movimento, como *come* (vir) e *walk* (caminhar), pois preservava ainda traços de movimento do verbo fonte, o que gerava um certo grau de redundância em relação ao verbo principal, além de criar situações que, para alguns falantes, pareciam contraditórias, como no caso de *He is going to come* (Ele vai vir). Posteriormente, o emprego auxiliar de futuro de *going to* foi estendido para verbos principais de movimento, o que significou um avanço em seu processo de mudança.

Os resultados obtidos revelaram que nem os três enclaves, nem a vila rural haviam atingido esse nível mais avançado de gramaticalização. Essas localidades “mostraram uma forte restrição estatística de *going to* (e a concomitante preferência por *will*) com verbos de movimento” (POPLACK; TAGLIAMONTE, 2000, p. 336). Em contraste, em Ottawa, o uso de *going to* com verbos de movimento era tão comum quanto com verbos

de qualquer outro significado, o que indica que a variedade culta avançou ao longo do percurso de gramaticalização de *going to*.

Na próxima seção, abordamos outra estratégia para a circunscrição de variáveis cujas formas de codificação provêm da gramaticalização.

3. Interface variação-gramaticalização: perspectiva de percurso de gramaticalização

Adotando-se como alicerce de investigação a interface variação-gramaticalização, também é possível a circunscrição da variável de acordo com a perspectiva de percurso de gramaticalização:

Essa estratégia de circunscrição da variável exige que sejam consideradas, na análise variacionista, toda a gama de funções adquiridas pelas formas variantes em seus percursos de gramaticalização (representadas pelos estágios $A > B > C...$), ou, ao menos, duas funções que se avizinhem nesses percursos (estágios $A > B$, por exemplo). (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 52)

Em contraposição a “estudos que fazem de tudo para deixá-la de fora” (CHESHIRE, 2016, p. 265), quando se assume a perspectiva de percurso de gramaticalização, é fundamental levar em conta a multifuncionalidade das formas variantes na delimitação da variável para que seja possível explicar a variação.

Essa perspectiva de abordagem foi proposta por Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010). Um dos fenômenos analisados pelos autores foi a variação sincrônica no espanhol mexicano entre *estar* e *andar* na construção *estar/andar* + VERB-ndo como verbos auxiliares que indicam os seguintes significados aspectuais: progressivo presente (evento que está em andamento no momento da fala), contínuo presente (evento que dura por um período de tempo, mas que não necessariamente está em progresso no momento da fala) e habitual presente (evento que se repete regularmente). Todos esses significados estão vinculados ao domínio funcional imperfectivo e, historicamente, são etapas sucessivas de um processo de gramaticalização interlinguístico no decorrer do qual são atribuídas funções aspectuais a verbos lexicais com significado locativo (cf. BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994) – no caso de *estar* + VERB-ndo, “estar situado em”, e, no caso de *andar* + VERB-ndo, “ir ao redor”.

A circunscrição da variável abarcou os três significados imperfectivos partilhados por *estar* e *andar*. Os dados foram correlacionados a grupos de fatores linguísticos e sociais. Destacamos os resultados referentes a dois deles: classe semântica do verbo princi-

pal e ambientação da atividade. *Andar* foi favorecido por verbos de movimento direcional e não direcional e verbos de atividade física. *Estar* foi favorecido pelas demais classes semânticas verbais (elocução, atividade geral, atividade corporal, e, agrupadas, mental, percepção e locativo-estativo). *Andar* foi favorecido em atividades externas e *estar* em atividades internas. As diferenças foram atribuídas às diferentes origens lexicais dos verbos auxiliares em tela.

Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010) não apresentaram a distribuição quantitativa das variantes *estar* e *andar* relativamente às três funções aspectuais. Essa distribuição pode ser significativa para o diagnóstico do estágio sincrônico de cada forma em seu percurso de gramaticalização. Em uma perspectiva de percurso de gramaticalização, as funções partilhadas pelas formas variantes que representem etapas vizinhas no desenrolar da mudança podem ser controladas como fatores em um tratamento estatístico multivariado, o que permite identificar: (i) especializações funcionais correntes de cada variante, que podem ser motivadas pela persistência de traços do significado-fonte, e, se a mudança ainda estiver em andamento, (ii) possíveis especializações futuras, que representam avanços no processo de gramaticalização de cada forma (cf. TAVARES, 2003, 2014).

Se as funções são controladas como fatores condicionadores, qual é a variável linguística? Para casos de gramaticalização em que as funções adquiridas pelas formas integram domínios funcionais amplos, Görski e Tavares (2017) sugerem que o recorte da variável se dê sobre o macrodomínio. Para a definição de domínios funcionais, as autoras recorrem a Talmy Givón.

Conforme Givón (1995, 2002, 2011, entre outros), a gramática é um mecanismo complexo que tem como função a produção de comunicação coerente. Ela codifica dois dos níveis da língua,⁶ a semântica proposicional e a pragmática discursiva, através de domínios funcionais. A semântica proposicional refere-se às “informações sobre eventos/ estados relativamente a quem fez o que a quem, quando, onde e como” (GIVÓN, 2011, p. 7). A pragmática discursiva refere-se ao “ao contexto comunicativo no qual as informações sobre eventos/ estados são negociadas no discurso coerente”, envolvendo o “sequenciamento de informações no discurso articulado, ou a interação comunicativa entre o falante e o ouvinte” (GIVÓN, 2011, p. 7).

Em ambos os níveis, cada domínio funcional pode conter vários microdomínios. O domínio funcional amplo – macrodomínio – representa uma função mais geral que engloba funções mais específicas – microdomínios – caracterizadas por manifestarem, além

⁶ Segundo Givón, a língua possui ainda um outro nível, o do léxico conceptual.

de seus traços semântico-pragmáticos específicos, traços da função mais geral. Alguns microdomínios podem ser eles mesmos macrodomínios se recobrirem funções ainda mais específicas.

Um caso é o do macrodomínio funcional TAM (tempo, aspecto e modalidade), que agrega os microdomínios tempo, aspecto e modalidade. Cada um desses microdomínios agrega outros, em uma relação de superordenação. Por exemplo, os aspectos perfectivo (evento apresentado com foco na conclusão e na delimitação) e imperfectivo (evento apresentado com foco na duração e na repetição) são microdomínios em relação ao aspecto, que é, portanto, o macrodomínio que os contém.⁷ O aspecto imperfectivo recobre os aspectos progressivo, durativo e contínuo (eventos em andamento) e os aspectos habitual e repetitivo (eventos que se repetem), que podem ser considerados microdomínios do aspecto progressivo, compreendido assim como um macrodomínio. É possível delimitar microdomínios ainda mais específicos, como, para o aspecto progressivo, o progressivo presente e o progressivo passado.⁸

Se aplicássemos ao fenômeno variável analisado por Torres Cacoullos (2008) e Schwenter e Torres Cacoullos (2010) a estratégia de circunscrição do objeto de estudo baseada no domínio funcional, a variável seria o macrodomínio aspecto progressivo. Os microdomínios progressivo presente, contínuo presente e habitual presente, que representam etapas sucessivas no percurso de gramaticalização de *estar* e *andar* na construção *estar/andar* + VERB-ndo, comporiam um dos grupos de fatores “condizentes com os estágios dos percursos de mudança postulados para essas formas” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 53).

A estratégia de recorte da variável baseada no domínio funcional também pode ser utilizada em casos de variação discursivo-pragmática, postulando-se uma relação escalar entre domínios/funções mais amplos e domínios/funções mais específicos. Microdomínios vizinhos no percurso de gramaticalização seriam então controlados como fatores condicionadores na escolha das formas variantes discursivo-pragmáticas.

Na próxima seção, mobilizamos tal estratégia de circunscrição da variável para a delimitação de um fenômeno de variação discursivo-pragmática no português brasileiro, a extensão geral.

⁷ Distinguímos os (sub)tipos aspectuais em conformidade com Givón (2001a/b).

⁸ Entre os macrodomínios gramaticais explorados por Givón (1995, 2002, 2011, entre outros), além de TAM, estão negação, coerência referencial, quantificação, voz, posse, comparação, contraste, atos de fala, nominalização, subordinação, concordância.

4. Extensão geral: a questão dos (macro)(micro)domínios

Os extensores gerais

constituem uma classe de expressões que tipicamente ocorre na posição final da oração e tem a forma básica de uma conjunção mais um sintagma nominal. Denomino essas expressões de “extensores gerais” porque são não específicos e “extensores” porque estendem enunciados que, caso contrário, seriam completos. (OVERSTREET, 1999, p. 3)

Abordamos os extensores gerais E TAL e E TUDO, descrevendo duas funções por eles desempenhadas: marcação de categoria e requisição de solidariedade. Os dados foram extraídos do Banco de Dados FALA-Natal. Esse banco de dados é composto de entrevistas sociolinguísticas feitas com 48 informantes natalenses de quatro faixas etárias (12 indivíduos de 8 a 12 anos, 12 indivíduos de 15 a 21 anos, 12 indivíduos de 25 a 45 anos e 12 indivíduos de mais de 50 anos).

A primeira função identificada em pesquisas que analisaram os extensores gerais foi a de marcação de categoria, definida em Dines (1980)⁹ e adotada em pesquisas posteriores que trataram do mesmo fenômeno (cf. OVERSTREET, 1999; AIJMER, 2002, 2013; MARTÍNEZ, 2011; PICHLER; LEVEY, 2011; DENIS, 2015; FERNÁNDEZ, 2015; SECOVA, 2017, entre outros).

Nessa função, o extensor geral indica que os sintagmas nominais que o precedem, organizados em forma de lista, são exemplos ilustrativos de uma categoria mais ampla, ou seja, o extensor geral “marca um conjunto de itens como pertencendo à mesma categoria” (MARTINEZ, 2011, p. 2466). Com base nos exemplos dados, o ouvinte pode inferir a categoria que os abrange e, desse modo, pode lembrar de outros de seus membros que não foram citados, mas que poderiam ter sido.

Ao utilizar um extensor geral na função de marcação de categoria, o falante confia que seu interlocutor conseguirá evocar elementos não mencionados por ter experiência com esse tipo de elemento. Para que o processo de inferência possa ser bem-sucedido, é necessário que haja, entre os envolvidos na interação, um fundo de conhecimento em comum a respeito da categoria em causa: “um falante indica a um ouvinte que ele acredita que o ouvinte tem conhecimento compartilhado suficiente com o falante para reconstruir um possível conjunto” (DENIS, 2015, p. 87).

⁹ Dines (1980), pioneira na análise dos extensores gerais, nomeou as formas de tags de marcação de categoria e a função desempenhada por elas de marcação de categoria. No inglês, entre os extensores gerais mais frequentes atualmente são *and that*, *and all*, *and things*, *and everything*, *and anything* e *and stuff* (cf. Denis, 2015; Tagliamonte, 2016, entre outros).

A seguir, apresentamos ocorrências em que os extensores gerais desempenham a função de marcação de categoria:

- (3) “Ou você paga ou então vamos criar um caso” “não, não, a gente vai ver aí como seria a questão de você não ter que receber esse dinheiro”. Meu irmão, como é um cara bem compreensivo nesse ponto, ele disse “se você bater...”. Que na construção civil se eu não me engano eles têm essa coisa de bater com uma vassoura, tipo um cabinho, um negócio assim. Cada cômodo de três por três dá nove metros quadrados, ou que seja maior, cada vão, cada quarto, sala *e tal*, se tiver mais do que cinco peças de cerâmica fofa, oca, você não pode receber o dinheiro por aquele serviço. (BDFN)
- (4) Não, não. Eu trabalhei mais meu pai que era mestre de obra, J. P., trabalhei com ele uns cinco anos e quando eu tava com dezoito anos ele faleceu, eu já tinha aquela base mais ou menos de como iniciar um serviço e concluir e fazer tudo, né? Desde a parte hidráulica, parte elétrica *e tudo*. Aí eu vou, entrego pra pessoa e fica pronto pra venda. (BDFN)

Em (3), com base nos exemplos mencionados pelo informante – *cada vão, cada quarto, sala* –, o entrevistador pode concluir que a categoria em jogo é *compartimentos de uma residência*, e torna-se então capaz de preencher a lista com outras possibilidades. Em (4), *parte elétrica* e *parte hidráulica* são apresentadas como membros de uma categoria que é apenas implicada (as etapas de construção de uma residência), ficando por conta do entrevistador inferir outras etapas, como parte do alicerce, parte da alvenaria, parte da cobertura, parte do acabamento.

Mesmo que tenha sido mencionado apenas um item, os extensores gerais indicam que há mais elementos na categoria que está em pauta. A ocorrência em (5) ilustra essa possibilidade: o uso do extensor geral sugere que mais produtos roubados poderiam ter sido listados, e que *bicicleta roubada* é apenas um exemplo representativo de uma categoria mais ampla.

- (5) Aí no outro dia o oficial de justiça, que já... dona C. já tinha botado na justiça pra mãe desse menino sair de dentro de casa com ele, porque ela não aguentava mais, ele roubava e ia pra dentro de casa e às vezes trazia bicicleta roubada *e tudo* e ela dizia... não deixava ele entrar com as coisa roubada, e ele ameaçava

ela, ela foi e deu parte. Aí com isso que aconteceu dona C. foi e ligou para o oficial de justiça e falou o que tinha acontecido. (BDFN)

Em todos os casos, o falante parece presumir que o ouvinte é capaz de interpretar o extensor geral como um indicador de que há algo mais na categoria à qual pertencem os elementos listados. Quando atuam na marcação de categoria, os extensores gerais podem ser substituídos por “etc.” (*et cetera* = e outras coisas), extensor geral mais comumente empregado na escrita, o que não é possível quando os extensores gerais atuam na requisição de solidariedade.

A requisição de solidariedade é tematizada em Overstreet (1999, 2005, 2014), Terraschke e Holmes (2007), Martínez (2011), Aijmer (2013), Wagner et al. (2015), Fernández (2015), Secova (2017), entre outros. Ao utilizar um extensor geral nessa função, o falante confia que o ouvinte tenha conhecimento sobre o tópico que está sendo abordado e, assim, requer sua solidariedade: não é preciso fornecer informações detalhadas sobre o tópico porque o ouvinte o domina.

Trata-se de uma estratégia que, segundo Martínez (2011), permite estabelecer conexão e harmonia entre os interlocutores: o falante “está interessado em partilhar a experiência com o ouvinte” (MARTÍNEZ, p. 2467). Para Terraschke e Holmes (2007, p. 2000), a

suposição de conhecimento comum reduz a distância social e contribui para a construção de solidariedade interpessoal. Consequentemente, os extensores gerais se comportam como mecanismos de polidez positiva pois eles requerem solidariedade.

Seguem duas ocorrências:

- (6) Eh... gosto muito quando alguém tá falando alguma coisa de espiritismo *e tal*, mas eu nunca fui a um centro espírita não, mas eu acho que tem tudo a ver assim com o que a gente vive e tal. (BDFN)

Em (6), ao aludir ao espiritismo, o informante parece crer que o entrevistador tenha conhecimento sobre essa doutrina religiosa e, então, não precisa fornecer mais informações sobre ela. Há uma suposição de familiaridade e conexão social entre ele e seu parceiro na conversação, o que leva o informante a requerer sua solidariedade:

“maior inexplicitude implica maior aproximação social e solidariedade, sinalizando que os falantes são socialmente próximos o suficiente para deixar algumas coisas não ditas” (WAGNER et al., 2015, p. 725). No entanto, se não houver conhecimento partilhado, a solidariedade não será possível e o interlocutor pode pedir mais informações sobre o tópico tratado.

- (7) Sim. E aí ela ligou dizendo que tava grávida, que... aí pronto, foi uma felicidade pra todo mundo aqui, né? Porque é o primeiro neto, primeiro bisneto, primeiro sobrinho. K., que era toda assim diferente, ficou feliz da vida porque vai ser tia, né? Aí pronto, pra gente foi muito bom. E ele ficou... ele ficou com uma sensação assim... ele ficou feliz, mas ao mesmo tempo, com medo, que ele disse, “mainha, eu tô feliz, mas tô com medo”. Digo: “mas todo mundo tem essa sensação quando... quando a mulher engravida a primeira vez assim *e tudo*, dá aquele medo da responsabilidade, né? Que a partir de agora não vai ser responsabilidade só sobre você, vai ser sobre você e... e o bebê, né? E a sua vida de casado. Mas graças a Deus vai dar certo”. Aí ele... ele foi, o pai dela é doido por ele, a mãe também, a família dela toda gostou muito de P. (tudo o que uma primeira gravidez envolve)

Em (7), a informante fala a respeito da reação de seu filho P. à descoberta da primeira gravidez de sua esposa. O extensor geral *e tudo* pode ter sido empregado na confiança de que o entrevistador tenha algum tipo de experiência anterior com a sensação de medo que pode ser despertada pela chegada do primeiro filho. Havendo essa experiência, o entrevistador pode ser solidário com o informante na construção de um terreno comum quanto ao que está sendo dito sem que nada mais precise ser informado. Utilizado dessa forma, o extensor geral afeta “a cooperação, a partilha ou intimidade entre falante e ouvinte, incluindo confirmar suposições partilhadas” (BRINTON, 1996, p. 38).

Pesquisas como as relatadas por Cheshire (2007), Tagliamonte e Denis (2010), Pichler e Levey (2011) obtiveram indícios de que os extensores gerais do inglês passaram a ser usados na função de requisição de solidariedade a partir da função de marcação de categoria. Esse processo de gramaticalização envolveu extensão funcional, dessemantização, decategorização e erosão – os parâmetros de mudança propostos por Heine e Kuteva (2007).

Dado o caráter universal típico dos percursos de gramaticalização (cf. KUTEVA et al., 2019), é provável que trajetórias de mudança similares conduziram os extensores gerais E TAL e E TUDO da função de marcação de categoria à função de requisição de solidariedade. Estudos vindouros poderão testar essa hipótese.

Defendemos que a extensão geral pode ser tratada como um fenômeno superordenado, em consonância com a proposta de Givón (1995, 2002, 2011, entre outros). Nessa ótica, a extensão geral representa o macrodomínio/macrofusão amplo, que agrega microdomínios/microfunções mais específicas, a marcação de categoria e a requisição de solidariedade.

Qual é a característica que a marcação de categoria e a requisição de solidariedade têm em comum que permite que elas sejam recobertas pelo macrodomínio da extensão geral? Em ambas, temos a extensão de algo dito para algo não dito, porém inferível a partir do que foi dito. Essa extensão, no entanto, acontece de maneira distinta.

No que se refere à marcação de categoria, é necessário que falante e ouvinte partilhem conhecimento sobre uma dada categoria da qual são membros os itens mencionados pelo falante, restando ao ouvinte imaginar outros possíveis itens a ela vinculados. Assim, o extensor geral atua como um indicador de que, na categoria em questão, se associam mais itens de mesmo tipo, ou seja, uma possível lista mais abrangente de itens não é detalhada, mas estendida através do extensor geral para que o ouvinte a complete.

A requisição de solidariedade exige também conhecimento partilhado, mas não sobre uma categoria de itens delimitáveis, e sim sobre o que está envolvido em uma certa situação. O ouvinte mobiliza o que sabe sobre essa situação e pode, conseqüentemente, ser solidário ao falante, estendendo aquilo que apenas foi mencionado para o conhecimento mais amplo que detém sobre o tópico abordado. Torna-se, assim, cúmplice de seu interlocutor na construção do discurso.

Para realizar a análise da variação entre os extensores gerais E TAL e E TUDO em perspectiva de percurso de gramaticalização, podemos delimitar a variável levando em conta a distinção entre macro e microdomínios. A extensão geral, enquanto macrodomínio/macrofusão, seria tomada como a variável alvo da pesquisa. Por sua vez, a marcação de categoria e a requisição de solidariedade, enquanto microdomínios/microfunções, seriam controladas como fatores que podem influenciar a distribuição das variantes.

Essa estratégia de circunscrição da variável permite verificar se um dos extensores gerais está em um estágio mais avançado do processo de mudança. Nesse sentido, uma hipótese plausível é a de que, quanto mais gramaticalizado estiver um extensor geral, maior

será sua especialização na codificação da requisição de solidariedade, que representa uma etapa posterior do desenvolvimento da mudança.

Caso idade seja controlada em uma perspectiva de tempo aparente, a correlação entre os microdomínios e diferentes grupos etários pode revelar uma mudança em progresso em um determinado recorte sincrônico. Nesse caso, o esperado seria uma maior utilização do extensor mais gramaticalizado como indicador de requisição de solidariedade na fala de indivíduos cada vez mais jovens.

Considerações finais

No processo de circunscrição de variáveis linguísticas gramaticais, primeiro passo da pesquisa, é possível recorrer a uma perspectiva de variação estrita, em que apenas um domínio/função é definido como objeto de estudo. Quando as variantes são formas multifuncionais cujas funções são etapas vizinhas em uma trajetória de gramaticalização, a circunscrição também pode ser realizada em outra perspectiva, a de percurso de gramaticalização.

Recomendamos, para o tratamento de variantes desse tipo, a adoção de uma perspectiva de variação-gramaticalização que se pautar na distinção entre macro e microdomínios funcionais. Essa estratégia permite levar em conta a multifuncionalidade das formas na análise: o macrodomínio é delimitado como variável linguística e os microdomínios são avaliados como possíveis fatores condicionadores da variação.

Tal método de circunscrição da variável pode ser aplicado a formas variantes provenientes de gramaticalização independentemente do nível linguístico em que elas atuam, incluindo formas discursivo-pragmáticas, o que permite uma abordagem integrada à variação no âmbito gramatical.

Referências

AIJMER, Karin. *English discourse particles: evidence from a corpus*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

AIJMER, Karin. General extenders. In: AIJMER, Karin. *Understanding pragmatic markers: a variational pragmatic approach*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013. p. 127-147.

ANDERSEN, Gisle. Using the corpus-driven method to chart discourse-pragmatic change. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 21-40.

BRINTON, Laurel. *Pragmatic markers in English: grammaticalization and discourse functions*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1996.

- BRINTON, Laurel. Pathways in the development of pragmatic markers in English. In: VAN KEMENADE, Ans; LOS, Battelou (Ed.). *The handbook of the history of English*. London: Blackwell, 2006. p. 307-334.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CHESHIRE, Jenny. Discourse variation, grammaticalization and stuff like that. *Journal of Sociolinguistics*, New Jersey, 11, n. 2, p. 155-193, apr. 2007.
- CHESHIRE, Jenny. Epilogue: the future of discourse-pragmatic variation and change research. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 252-266.
- DEGAND, Liesbeth; EVERS-VERMEUL, Jacqueline. Grammaticalization or pragmaticalization of discourse marker? More than a terminological issue. *Journal of Historical Pragmatics*, Amsterdam, v. 16, n. 1, p. 59-85, apr. 2015.
- DENIS, Derek. *The development of pragmatic markers in Canadian English*. Department of Linguistics, University of Toronto. Dissertation. 2015.
- DIEWALD, Gabriele. Discourse particles and modal particles as grammatical elements. In: FISCHER, Kerstin (Ed.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 403-425.
- DINES, Elizabeth R. Variation in discourse – ‘and stuff like that’. *Language in Society*, Cambridge, v. 9, n. 1, p. 13-31, apr. 1980.
- DUARTE, Ana Clarissa Viana. *Variação discursiva e gramaticalização: extensores gerais na fala natalense*. 2019. 90 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- FERNÁNDEZ, Julieta. General extenders use in spoken Peninsular Spanish: metapragmatic awareness and pedagogical implications. *Journal of Spanish Language Teaching*, Abingdon, v. 2, n. 1, p. 1-17, apr. 2015.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001a/ b.
- GIVÓN, Talmy. *Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- GIVÓN, Talmy. *Ute reference grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira Rezende (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, Austin, v. 44, p. 1-17, apr. 1978.
- LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 205-254, july. 1990.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, Cambridge, v. 7, n. 2, p. 171-82, aug. 1978.
- KUTEVA, Tania et al. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- MARTÍNEZ, Ignacio M. Palacios. "I might, I mitght go I mean it depends on money things and stuff. A preliminary analysis of general extenders in British teenagers' discourse. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 43, n. 9, p. 2452-2470, jul. 2011.
- MIHATSCH, Wiltrud. The approximators French *comme*, Italian *come*, Portuguese *como* e Spanish *como* from a grammaticalization perspective. In: ROSSARI, Corinne; RICCI, Claudia; SPIRIDON, Adriana (Ed.). *Grammaticalization and pragmatics: facts, approaches, theoretical issues*. United Kindon: Emerald, 2009. p. 65-91.
- OVERSTREET, Maryann. *Whales, candlelight and stuff like that*. New York: Oxford University Press, 1999.
- OVERSTREET, Maryann. And stuff und so: Investigating pragmatic expressions in English and German. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 37, n. 11, p. 1845-1864, nov. 2005.
- OVERSTREET, Maryann. The role of pragmatic function in the grammaticalization of English general extenders. *Pragmatics*, Amsterdam, v. 24, n. 1, p. 105-129, mar. 2014.
- PICHLER, Heike. *The structure of discourse-pragmatic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- PICHLER, Heike; LEVEY, Stephen. In search of grammaticalization in synchronic dialect data: general extenders in northeast England. *English Language and Linguistics*, Cambridge, v. 15, n. 3, p. 441-471, nov. 2011.
- POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, Sali A. Nothing in context: variation, grammaticization and past time marking in Nigerian Pidgin English. In: BAKER, Philip; SYEA, Anand (Eds.). *Changing meanings, changing functions*. Papers relating to

grammaticization in contact languages. London: University of Westminster Press, 1996. p. 71-94.

POPLACK, Shana; TAGLIAMONTE, Sali A. The grammaticization of *going to* in (African American) English. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 11, n. 3, p. 315-342, oct. 2000.

SANKOFF, Gillian. Above and beyond phonology in variable rules. In: BAILEY, Charles-James N.; SHUY, Roger W. (Eds.). *New ways of analyzing variation in English*. Washington: Georgetown University Press, 1973. p. 42-62.

SANKOFF, Gillian. Variability and explanation in language and culture: cliticization in New Guinea Tok Pisin. In: SAVILLE-TROIKE, Muriel (Ed.). *Linguistics and anthropology*. Washington: Georgetown University Press, 1977. p. 59-73.

SANKOFF, Gillian. The genesis of a language. In: HILL, Kenneth C. (Ed.). *The genesis of language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1979. p. 23-47.

SCHWENTER, Scott A.; TORRES CACOULOS, Rena. Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: the 'perfect' road to perfective. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 20, n. 1, p. 1-39, mar. 2008.

SECOVA, Maria. Discourse-pragmatic variation in Paris French and London English: Insights from general extenders. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 114, p. 1-15, jun. 2017.

SIMON-VANDENBERGEN, Anne-Marie; WILLEMS, Dominique. Crosslinguistic data as evidence in the grammaticalization debate: the case of discourse markers. *Linguistics*, Berlin, v. 49, n. 2, p. 333-364, mar. 2011.

TAGLIAMONTE, Sali A. Antecedents of innovation: exploring general extenders in conservative dialects. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 115-138.

TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Jennifer. Layering, competition and a twist of fate: deontic modality in dialects of English. *Diachronica*, Amsterdam, v. 23, n. 2, p. 341-380, dec. 2006.

TAGLIAMONTE, Sali A.; D'ARCY, Alexandra. Peaks beyond phonology: adolescents, incrementation, and language change. *Language*, Washington, v. 85, n. 1, p. 58-107, dec. 2009.

TAGLIAMONTE, Sali A.; DENIS, Derek. The stuff of change: General extenders in Toronto, Canada. *Journal of English Linguistics*, Los Angeles, v. 38, n. 4, p. 335-368, may. 2010.

TAVARES, Maria Alice. *Agramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal: EDUFRN, 2014.

TERRASCHKE, Agnes; HOLMES, Janet. ‘Und tralala’: vagueness and general extenders in German and New Zealand English. In: CUTTING, Joan (Ed.). *Vague language explored*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. p. 198-220.

TORRES CACOULLOS, Rena. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, Manuel (Ed.). *The handbook of Hispanic sociolinguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011. p. 148-167.

WAGNER, Suzanne Evans et al. Quantifying the referential function of general extenders in North American English. *Language in Society*, Cambridge, v. 44, n. 5, p. 705-731, nov. 2015.

WATERS, Cathleen. Practical strategies for elucidating discourse-pragmatic variation. In: PICHLER, Heike (Ed.). *Discourse-pragmatic variation and change in English: new methods and insights*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 41-55.



Data de submissão: 25/02/2020

Data de aceite: 28/05/2020